

Nas águas, o entardecer forma desenhos de cores quentes e brilhos ondulantes.

Os pescadores recolhem suas varas, satisfeitos.

Na cidade, vendedores oferecem as histórias pescadas, e as pessoas, curiosas, as espiam dentro dos balaios.

Qual será o segredo dessa arte de pesca? A resposta o rio guardou, e caberá a Pedro ir ao encontro dela.

HISTÓRIAS guardadas pelo RIO

Lúcia Hiratsuka

Lúcia Hiratsuka

HISTÓRIAS guardadas pelo rio



HISTÓRIAS
guardadas pelo RIO

HISTÓRIAS
guardadas pelo RIO

Lúcia Hiratsuka



© Lúcia Hiratsuka (texto e ilustrações), 2018

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos
Assistência editorial: Olívia Lima
Preparação: Marcia Menin
Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hiratsuka, Lúcia
Histórias guardadas pelo rio / Lúcia Hiratsuka
[texto e ilustrações]. -- São Paulo : Edições SM,
2018.

ISBN 978-85-418-2040-0

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

18-20035

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição outubro de 2018

Todos os direitos reservados a
EDIÇÕES SM
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
www.edicoessm.com.br

Sumário

Pedro	9
Don'Ana	11
Carolina	14
Seu Norberto	16
O pai	21
O canoeiro	25
O desesperado	29
O vendedor ambulante	33
A saudosista	38
O sonhador	43
O homem de negócios	48
O outro menino	53
O rio	59
Posfácio	61
Sobre a autora	63





Pedro

Nas águas do rio, o entardecer formava desenhos em cores quentes e brilhos ondulantes. Os pescadores recolhiam as varas. Pedro também se levantou e começou a enrolar a linha. Não havia muito mais o que fazer. Quase a tarde toda ali nas margens do rio, e nada...

O jovem tomou a rua de volta para casa. Balaio vazio nas costas, ia chutando pedrinhas, carrancudo. Quando passava pela praça, viu que havia uma agitação.

— Quem quer comprar histórias? Acabei de pescar!

— A minha é de aventura!

— A minha... vejam só! É de mistério!

As pessoas se aproximavam, espiavam os balaios, faziam cara de espanto.

Naquela cidade, as tardes eram assim: pescadores vendiam suas histórias, gente que ia e vinha. Alguns eram da cidade, outros chegavam de longe, de lugares onde o rio não passava.

Pedro deixou a praça e voltou a caminhar, chateado. “Por que não consigo uma boa história?”

Já em casa, no seu quarto, largou o balaio e a vara em um canto. Jogou-se na cama e se lembrou dos ou-

tros pescadores da cidade, principalmente daqueles que vendiam histórias incríveis. Como conseguiam pescá-las? Havia algum segredo da pesca que ele não conhecia? Só podia ser isso; tinha de descobrir.

Levantou-se da cama com uma ideia. Estava decidido. Ia procurar essas pessoas e pedir ajuda.

Don'Ana

Don'Ana pescava histórias e depois ia bordando, linha a linha, ponto a ponto, uma cena após a outra. As histórias criavam vida em mantas, colchas, quadros, toalhas de mesa e muito mais. Vinha gente de outras cidades só para comprar suas obras. Don'Ana era uma das melhores pescadoras que Pedro conhecia e morava a dois quarteirões de sua casa.

A pescadora experiente, bordadeira caprichosa, recebeu o rapaz na varanda, bem no meio de uma história dourada de outono.

— Oi, Pedro. — Ao vê-lo, arrematou a linha amarela que completava a cauda de uma raposa de olhos curiosos, espiando por entre capins. — O que acha? — perguntou, estendendo a manta.

— Lindo trabalho, como sempre. — Pedro ficou parado, sem graça, até criar coragem para dizer: — Quero conhecer o segredo da pesca. Pode me ajudar?

Don'Ana segurou seus óculos e olhou para o jovem.

— Vou lhe ensinar uma simpatia: passe um pouco de mel na ponta do anzol para atrair as histórias.

— Só isso?

— Só. Sempre funciona.

— Vou tentar. Obrigado, don'Ana.

Daria certo? Mas se don'Ana estava dizendo...

Pedro voltou animado para casa. Ao chegar, apanhou um potinho de mel e foi esperançoso para o rio.

Lá estavam os pescadores. O rapaz discretamente passou um pouco de mel na ponta do anzol e deixou a linha mergulhar na água. Ouvia-se uma conversa cochichada aqui e ali.

— Consegui uma! Meu filho vai ficar feliz.

— Hoje pesquei duas.

— Esta semana juntei boas histórias. Quero vender na feira de domingo.

O tempo passava, e as águas seguiam arrastando as histórias em sua corrente. Nada. Pedro recolheu a linha, decepcionado.



Carolina

Carolina passava perto do rio com cara de que o dia havia sido bom para a pesca. Só tinha oito anos, mas pescava histórias encantadoras. Guardava algumas, outras levava para a escola ou dava para alguém. Quando era presente, caprichava no pacote, enfeitando latas de biscoitos ou caixas coloridas. Era uma surpresa na hora de abrir.

Ao ver a menina, Pedro chamou-a, acenando:

— Carolina! Ei, preciso falar com você.

— Oi, Pedro. — Ela se sentou ao lado do rapaz, toda contente.

— Como foi seu dia?

— Pesquei uma história engraçada. Minha prima vai gostar.

— Vai mandar pra sua prima?

— Na cidade dela não tem rio, e ela fica triste com isso. Sempre mando histórias daqui. Ela adora, diz que mostra pra toda a família e pros amigos também. E me manda uns presentinhos. Olha só...

Carolina pôs a mão no bolso do vestido e do fundo retirou um apito em forma de pássaro.

— Chegou ontem. — E assoprou. Soou um canto de passarinho.

— E você pode me contar?

— Sobre minha prima?

— Não, sobre o segredo da pesca.

A menina parecia não ter entendido bem.

— Não sei de nenhum segredo, não.

— Mas como você faz pra pescar boas histórias?

— É que nem brincar. É divertido como brincar de roda, de amarelinha...

— Uma brincadeira? Então, você não sabe de nenhum segredo?

— Quem deve saber é o seu Norberto. Por que não pergunta pra ele? — Carolina se levantou e continuou a se divertir com o canto de passarinho de seu novo brinquedo.

